



Racismo na música: uma pesquisa sobre o racismo na trajetória acadêmica de cotistas negros em um curso de graduação em música

*Luiz Carlos Vieira Junior*¹

*Rayssa Karoline Rodrigues Pereira*²

Categoria: Iniciação Científica

Resumo: O seguinte artigo tem por objetivo investigar o racismo na trajetória acadêmica dos cotistas negros do curso de Licenciatura em Artes/Habilitação em Música na Universidade Estadual de Montes Claros. A pesquisa se apoia em referências bibliográfica na área de Música, como Carvalho (2006), Lühning e Tugny (2016), e Batista (2018) e de outros campos, como Almeida (2018) e Segato (2006). Metodologicamente o trabalho utiliza a abordagem quanti-qualitativa, utilizando de pesquisa documental, aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas com acadêmicos Negros, de baixa renda, egressos de escola pública (NEEP) que ingressaram no curso através do sistema de cotas. O trabalho aborda as dificuldades destes alunos no curso, destacando principalmente o racismo que marca de maneira perene suas trajetórias acadêmicas.

Palavras-chave: Racismo. Educação musical. Cotas raciais. Formação inicial de professores. Etnomusicologia.

Racism in music: a research about the racism in the academic trajectory of black quota students in an undergraduate course in music

Abstract: This article aims to investigate racism in the academic trajectory of black racial quota students in the Bachelor of Arts / Music Qualification course at the State University of Montes Claros. The research is supported by bibliographic references in the Music area, such as Carvalho (2006), Lühning and Tugny (2016), and Batista (2018) and other fields, such as Almeida (2018) and Segato (2006). Methodologically the work uses the quanti-qualitative approach, using documentary research, application of questionnaires and semi-structured interviews with *Black, low-income academics, graduates of public schools* (NEEP) who entered the course through the quota system. The work addresses the difficulties of these students in the course, highlighting mainly the racism that permanently marks their academic trajectories.

¹ Mestre, Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Departamento de Artes, luizcarlos.v@gmail.com

² Graduanda em Licenciatura em Artes/Música, Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, rayssa.krp@gmail.com.

Trabalho desenvolvido com apoio do Programa de Iniciação Científica Voluntária da Unimontes - ICV.



Keywords: Racism. Musical education. Racial quotas. Initial teacher training. Ethnomusicology.

Introdução

O seguinte artigo científico apresenta resultados parciais de uma pesquisa em andamento do Programa de Iniciação Científica Voluntária da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) que objetiva compreender a trajetória acadêmica dos cotistas “negros, de baixa renda e egressos de escola pública” (NEEP) do Curso de Licenciatura em Artes/Habilitação em Música no ano de 2020. Nesse sentido, as discussões que apresentamos nesse trabalho, que é apenas um recorte de toda a pesquisa em desenvolvimento, são norteadas pelo seguinte problema: O racismo é um fator presente na trajetória universitária dos cotistas negros e futuros professores de Música?

Dessa maneira, o objetivo desse trabalho é investigar a presença do racismo durante a trajetória acadêmica dos alunos NEEP do Curso Artes/Música na Unimontes. Para tanto, buscamos compreender as reflexões sobre racismo na área de Música, além de conhecer a representatividade dos cotistas negros no Curso Artes/Música da Unimontes, bem como identificá-los. Nesse sentido, na primeira parte do trabalho, apresentaremos brevemente o contexto da inserção da política de cotas no Brasil e na Unimontes, assim como as principais referências que nortearam esse trabalho.

Para discorrer sobre essa temática, apoiamos nas referências das subáreas da Educação Musical (ALMEIDA, 2009, 2014; BATISTA, 2018; SOUZA, 2020) e Etnomusicologia (CARVALHO, 2006; LÜHNING; TUGNY, 2016), realizando, dessa forma, um estudo transversal com os Direitos humanos (ALMEIDA, 2018) e com a Antropologia (SEGATO, 2006).

Conforme o Ministério da Educação (2003), a política de ações afirmativas foi implementada no Brasil não apenas para tentar reparar os 500 anos de escravidão e extermínio de povos negros e indígenas, mas também para reconhecer e valorizar o poder desses grupos na política e nas universidades. Em uma abordagem mais profunda, Segato (2006) defende essa medida compensatória e reparadora, reafirmando que as reações ideológicas que relacionam o negro com menores condições de se sobressair

nos estudos é uma forma de racismo prático, estrutural e institucional. A autora ainda afirma que:

As cotas acusam, com sua implantação, a existência do racismo, e o combatem de forma ativa. Esse tipo de intervenção é conhecido como “discriminação positiva”. A discriminação positiva constitui o fundamento das assim chamadas “ações afirmativas”. As cotas são um tipo de ação afirmativa. A noção de “reparação”, ou seja, o ressarcimento por atos lesivos cometidos contra um povo assim como a noção de “compensação” pelas perdas ocasionadas são os conceitos que orientam e conferem sentido à implementação da medida (SEGATO, 2006, p. 83).

Nesse cenário social, a política de ações afirmativas foi implementada na Unimontes (2004) a partir do primeiro processo seletivo do ano de 2005. Apoiando-se na Lei Estadual nº 15.259, a universidade instituiu 45% das vagas para os candidatos cotistas inscritos nas categorias de: Afrodescendente carente (20%), Egressos de Escola Pública (20%) e Portador de Deficiência e Indígenas (5%) (UNIMONTES, 2004). Um tempo depois, com a Portaria nº 039/2019 a Unimontes constituiu uma Comissão de heteroidentificação que complementa a autodeclaração dos candidatos afrodescendentes carentes, que a partir desse momento, são identificados com uma nova nomenclatura: “Negros, de baixa renda, egressos de escola pública” – NEEP. Portanto, nesse trabalho trataremos sobre estes estudantes denominados NEEP e que ingressaram na Unimontes mediante às cotas raciais.

1. Procedimentos metodológicos

O trabalho possui uma abordagem quanti-qualitativa, visto que foi necessária tanto uma visão precisa da quantidade de acadêmicos NEEP, quanto uma interpretação mais aprofundada das vivências acadêmicas desses alunos. Utilizando, portanto, conforme Queiroz (2006), duas abordagens complementares para a investigação no universo da pesquisa, a qualitativa e a quantitativa.

Nessa perspectiva, em um primeiro momento realizamos uma pesquisa bibliográfica, em Livros, Revistas Científicas, Anais de Eventos, Monografias, Teses e Dissertações, na área de Música, que tratam tanto da política de cotas quanto dos conceitos relacionados ao racismo estrutural e acadêmico. Também fizemos uma



pesquisa documental sobre a política de cotas na Unimontes, e sobre o racismo e a música.

Nessa perspectiva, durante o mês de maio de 2020³ optamos por aplicar questionários online, elaborados pelo *Google Forms*, para todos os alunos do Curso Artes/Música da Unimontes a fim de conhecer a representatividade das categorias dos acadêmicos das turmas vigentes que ocupam as vagas nesse curso, e, conseqüentemente para identificar os alunos NEEP. Após a identificação desses alunos, realizamos entrevistas semiestruturadas com alguns dos acadêmicos NEEP durante a primeira metade do mês de agosto com o auxílio na plataforma *Google Meet*. Os nomes reais dos entrevistados serão resguardados, conforme acordado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

2. O Racismo acadêmico na área de Música

Iniciamos essa discussão a partir dos campos da Antropologia e dos Direitos Humanos, denominando os tipos de racismo que trataremos durante o trabalho. Segundo Almeida (2018), o racismo institucional confere privilégios e desvantagens a partir da desigualdade racial da sociedade, que possui instituições hegemônicas por determinados grupos sociais detentores do poder político e econômico. Deste modo, a política de ações afirmativas se apresenta como um caminho para a reforma desse funcionamento institucional, que por sua vez, gera polêmica e controvérsias. O autor reflete ainda mais sobre o racismo estrutural ao afirmar que

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção (ALMEIDA, 2018, p. 38).

A partir da compreensão de que o racismo está presente nas estruturas da nossa sociedade, Carvalho (2006) afirma que esse racismo crônico está também no interior

³ Devido à pandemia de COVID-19 as metodologias tradicionais foram substituídas por processos remotos como formulários on-line e entrevistas por videoconferência.

das universidades brasileiras. Por isso, apesar da política de cotas ser um importante mecanismo legal e reparador às injustiças sofridas por minorias no passado, não devemos visá-la como uma “panaceia universal que resolve definitivamente o problema da desigualdade racial no Brasil” (CARVALHO, 2006), visto que, podemos refletir que o racismo acadêmico atualmente ainda é vivenciado por pretos e pardos no ambiente universitário atua.

Para Carvalho (2006) não devemos, portanto, concentrar e reconhecer o racismo acadêmico somente como uma terminologia jurídica, pois é possível que esvaziemos o conteúdo político do termo. Partindo desta perspectiva, refletiremos a seguir como, e quais são as maneiras que o racismo pode se fazer presente na área de Música.

Segundo Lühning e Tugny (2016), discutir sobre as políticas de ações afirmativas é debater e enfrentar privilégios nunca antes questionados, e, dessa forma acabam por ser o primeiro passo para que haja um profundo e real questionamento sobre os repertórios artísticos e práticas pedagógicas nas universidades. Segundo as autoras essa política “contribui para um processo de maior circulação de conhecimento e ascensão social, mesmo que lento, de pessoas, anteriormente excluídas de uma educação de qualidade.” (LÜHNING; TUGNY, 2016, p. 4).

Essa reflexão de enfrentamentos de privilégios e desvantagens por razões raciais podem ocasionar desconfortos. Batista (2018) disserta sobre as tensões que podem ser geradas a partir da política de ações afirmativas e também versa acerca das perspectivas e interações decoloniais para o campo da Educação Musical. Para ele, essas formas de luta para ocupar o espaço acadêmico são válidas:

Outros debatem sobre a inserção dos corpos negros, nos espaços educativos e ecoam em ampla tessitura que “cota não é esmola”. Ou seja, aborda-se a questão tão debatida sobre as cotas raciais, que hoje são cotas sociais – para indivíduos pertencentes à escola pública de Educação Básica. Projeto encabeçado pelo Movimento Negro como promulgação das ações afirmativas (BATISTA, 2018, p. 129).

A ocupação de estudantes negros e negras no ambiente universitário também foi um aspecto estudado por Almeida (2014), que desenvolveu uma pesquisa com 17 licenciandos do Curso de Música de universidades federais do Rio Grande do Sul, analisando, com isso, se a diversidade faz parte do processo de formação desses futuros



professores. Nesse âmbito, a pesquisa indica que temas referentes a religiosidade e a política de cotas geraram polêmica, controvérsias e tensões nos estudantes pesquisados.

Para Almeida (2014), a formação inicial de professores de música pode e precisa ser repensada como um espaço para inter-relações de diálogos interculturais, para que esses futuros profissionais tenham não só um discurso, mas a propriedade de trabalhar com e em diversidade. Neste sentido, ela faz a seguinte apontamento: “Outro desdobramento da diversidade racial é o racismo. Essa forma de preconceito presente na sociedade brasileira faz parte do cotidiano escolar. É nesse contexto que os professores de música atuam ou irão atuar” (ALMEIDA, 2009, p. 122).

Em uma série sobre Racismo e Música, Souza (2020) reflete sobre o racismo estrutural e seus impactos na Educação Musical. Para ele, a violência simbólica se faz presente a partir das estruturas que são sustentadas como na ideia de música universal enquanto juízo de valor, em decorrência da depreciação da música produzida por corpos negros, reproduzindo o racismo epistemológico. Souza (2020) afirma:

Como eu disse, para falar de racismo na Educação Musical, o nosso foco aqui, será o racismo epistemológico... Nesses casos a violência é gerada aos conhecimentos, às racionalidades, às maneiras de enxergar o mundo [...] O racismo no Brasil é estrutural, e reproduzimos atitudes racistas em vários momentos [...]. Dessa forma, é importante reconhecer, assumir e empreender ações para mudança, reconhecer e assumir não é o suficiente, a gente precisa mudar, a gente precisa fazer esse giro (SOUZA, 2020).

Podemos refletir, portanto, que racismo epistemológico presente na Educação Musical está intimamente relacionado com o racismo estrutural. Já que, sendo a música ocidental dominadora e referência no ensino, trata-se de uma estrutura conservatorial, na qual persiste a valorização da música padronizada, canônica, detentora das regras e das pedagogias musicais, reforçando, portanto, na música as desvantagens sofridas pelos grupos de minoria, como os negros. Consideramos, por conseguinte, que em um ambiente universitário o racismo epistemológico dialoga e ecoa com o racismo institucional, acadêmico e estrutural.

3. O racismo na trajetória acadêmica dos cotistas NEEP do Curso Artes/Música

A partir dos resultados obtidos no questionário, e tomando como base 100% o total de 60 alunos, das turmas 1/2017, 1/2018, 1/2019 e 1/2020, apenas 11,7% dos todos os acadêmicos do Curso Artes/Música ingressaram como estudantes NEEP. Entretanto, o percentual dessa categoria no sistema de reserva de vagas, nos processos seletivos 1/2017 e 1/2018 compreendem à 20%, conforme previsto na Resolução 104 da Unimontes (2004), enquanto nos processos 1/2019 e 1/2020, segundo os editais da Unimontes (2019, 2020), é reservado 21% das vagas para os estudantes NEEP. Dessa maneira, podemos constatar que deveria haver pelo menos um total de 20% de acadêmicos NEEP em todo o Curso Artes/Música, o que não foi observado na pesquisa. Esse problema pode estar relacionado tanto ao processo de matrícula, quanto às dificuldades de permanência de acadêmicos NEEP nesse curso de graduação. A partir da identificação dessa pequena porcentagem de alunos NEEP – ilustrada no Gráfico 1 – realizamos a entrevista semiestruturada acerca das suas trajetórias acadêmicas, algumas respostas sobre experiências de racismo acadêmico serão refletidas a seguir.

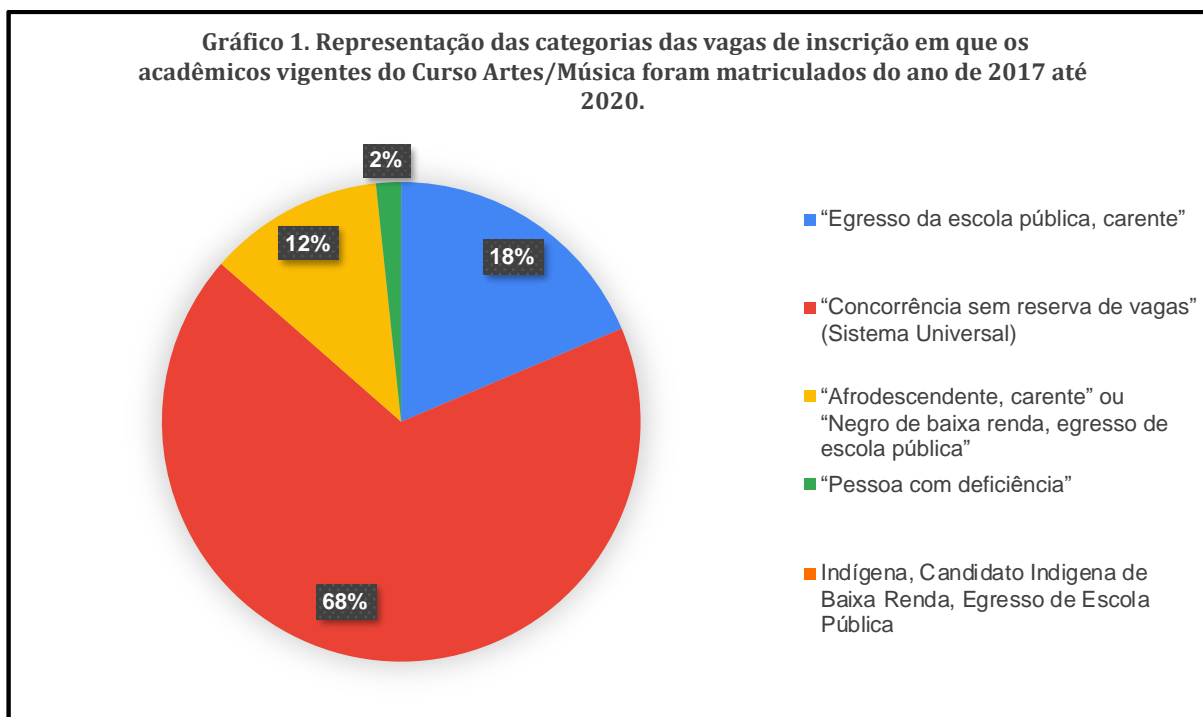


Gráfico 1. Representação das categorias das vagas de inscrição em que os acadêmicos vigentes do Curso Artes/Música foram matriculados do ano de 2017 até 2020.



Dentro da temática de racismo acadêmico na trajetória dos estudantes NEEP no Curso Artes/Música da Unimontes, cinco perguntas foram realizadas. A primeira delas versava sobre se o aluno/a alguma vez se sentiu excluído/a de algum trabalho, programa, projeto ou até mesmo de uma atividade acadêmica. Nessa questão, Hugo (2020) respondeu que já se sentiu excluído em uma formação de grupo entre seus colegas de turma em uma determinada atividade acadêmica disciplinar, na qual somente ele não fora escolhido para participar de um grupo. Hugo (2020) contou que fez essa atividade sozinho, e que não acha que essa situação tenha uma motivação racial, mas sim porque os colegas julgaram que ele não traria um rendimento relevante ao trabalho por ele não ter um hábito de leitura.

Essa experiência vivenciada por Hugo se correlaciona às ideias de Almeida (2018), mostrando que a afirmativa de que pessoas negras são menos aptas para vida acadêmica é abertamente racista. No entanto, conforme Almeida (2018), quando os próprios negros são colocados como culpados por suas condições de desvantagens na sociedade, ignorando as questões raciais envolvidas, nesse caso há uma violência veladamente racista.

Diferentemente de Hugo, Yago (2020) compreende que esta exclusão, que ele vivencia desde a sua infância, tem fundamento na questão racial. Yago (2020) afirma que mesmo conseguindo se inserir nos programas da universidade e aproveitar as oportunidades acadêmicas, sente que sua voz não é válida. Ele percebe que quando se expressa no campo acadêmico sua voz é ouvida apenas pelo viés da tolerância e não pela perspectiva de um lugar legítimo de fala. Em convergência com Yago (2020), Omar (2020) diz enxergar de forma clara o distanciamento de professores e colegas em um programa de extensão, e que isso está, provavelmente, relacionado ao seu cabelo, no entanto, afirma que não chegou a ter essa experiência na sala de aula.

Esse sentimento do “não pertencimento” do negro no espaço acadêmico mostra o quanto o racismo é estrutural. Conforme Kilomba (2019), que examina a colonização da academia e o processo de descolonização do conhecimento, além de apontar a posição social de marginalidade e a “mudez” que o pós-colonialismo designa às pessoas negras, afirma que “Nessa dialética, aquelas/es que são ouvidas/os são também aquelas/es que “pertencem”, e aquelas/es que não são ouvidas/os se tornam aquelas/es que não pertencem” (KILOMBA, 2019). Em outras palavras, Souza (1983) também



explica como se dá o processo de exclusão dos negros pelo racismo ao declarar que: “É no momento em que o negro reivindica sua condição de igualdade perante a sociedade que a imagem de seu corpo surge como um intruso, como um mal a ser sanado, diante de um pensamento que se emancipa e luta pela liberdade” (SOUZA, 1983, p. 07).

Quando perguntado se eles presenciaram comentários racistas por parte de professores ou colegas do curso, o acadêmico Hugo (2020) narrou um momento constrangedor que ele vivenciou na sala de aula com um/a professor/a:

Eu posso falar o que ele falou (pausa) Assim, quando ele (ou ela) foi dar um exemplo e me usou como exemplo. Aí ele falou assim: "Esse menino aqui ó, esse menino aqui rouba!". Assim, eu não tava na frente da sala, não era o primeiro a ele ver, mas ele apontou pra mim né? Sei lá, ele poderia ter escolhido qualquer outro, e esse exemplo também, ele poderia ter dado outro, eu acho que foi altamente racista (Hugo, 2020).

Omar (2020) também disse ter presenciado comentários racistas, tanto de professores, quanto de colegas do curso, e que, normalmente ele é a vítima. Yago (2020) compartilhou uma situação racista que nos faz retomar diretamente às reflexões de Souza (2020) sobre o racismo epistemológico que pode ocorrer na música reproduzida por corpos negros que também pode ser relacionado à intolerância religiosa discutida por Nogueira (2020) ao relatar os estigmas do racismo contra as religiões de matriz africana enraizado na histórica política do Brasil e que ainda é propagado nos dias atuais. Yago (2020) contou com pesar sobre o seu primeiro dia de aula no curso:

Aí é o primeiro dia, quando cê chega no lugar você percebe que os olhares, eles te olham de uma maneira diferente, vários questionamentos no olhar! E aí surge uma situação onde o professor pediu pra galera tocar música né? E quando todo mundo tocou todo mundo aplaudiu, tal, legal (pausa) Aí chegou a minha vez e eu toquei uma música que não é uma música de religião de matriz africana, mas que faz referência direta, uma pessoa negra cantando um tipo de música e é isso se for comparar esteticamente, é uma música que foi composta por uma pessoa branca, classe alta, era uma bossa nova, é (pausa) E aí ninguém me aplaudiu, acho que começa aí (Yago, 2020).

Ao questionar se já presenciaram ou foram alvos de piadas racistas, Yago (2020) contou situações nas quais os colegas de curso fizeram piadas com termos de religiões de matriz africana, ele contou que sempre quando tem a oportunidade ele chama a atenção dos colegas e eles escutam. Hugo (2020) também afirmou que sempre escuta piadas racistas, mas que prefere relevar essas situações e não se importar, no



mesmo sentido, Omar (2020) contou que escuta muitas piadas racistas na universidade, mas não por pessoas do curso.

Falar de piadas racistas é entender o racismo recreativo, que segundo Moreira (2019) se dá em vários espaços e de maneira estratégica que, para garantir a respeitabilidade social dos brancos, utilizam do humor racista como forma de empregar uma suposta superioridade. Visto que, “Os estereótipos raciais negativos presentes em piadas e brincadeiras racistas são os mesmos que motivam práticas raciais em outros contextos” (MOREIRA, 2019, p.29).

Sobre a naturalização da discriminação racial vivenciada por alguns dos cotistas NEEP que foram entrevistados, Almeida (2018) contribui para essa interpretação ao apontar que o racismo somente se perpetua quando é capaz de “produzir um sistema de ideias que forneça uma explicação racional para a desigualdade racial” (ALMEIDA, 2018, p.49), ou ainda de “construir sujeitos cujos sentimentos não sejam profundamente abalados diante da discriminação e da violência racial e que consideram “normal” e “natural” que no mundo haja “brancos” e “não-brancos”(ALMEIDA, 2018, p.49).

Sobre a pergunta se eles já foram vítimas de racismo velado no curso, ou seja, o racismo que ocorre de maneira mais sutil, Hugo (2020) reafirmou que sim, mas que preferiu a reação de ignorar essas situações. Já Yago (2020) compartilhou uma experiência que ocorreu com um/a colega de curso, em que ele mais uma vez se sentiu coagido por ser julgado por um ato negativo pelo qual não cometeu, enquanto Omar (2020) relatou que vivenciou bastante esse tipo de racismo no curso por causa do seu cabelo:

[...] às vezes chegava com o *black power* bem “abertão” e alguns professores, assim (pausa) Às vezes era triste mesmo, a pessoa te olhava de cima a baixo como se aquele não fosse seu lugar, alguns professores tinham esse comportamento. Assim, pra mim no momento não foi um choque [...] muitas vezes, muitas vezes sabe? O olhar da pessoa você percebe, algumas piadinhas pelas costas, alguns comentários pelas costas, às vezes, machuca um pouquinho. Mas em sala de aula aconteceu uma vez só que eu percebi (Omar,2020).

Essa vivência de Omar (2020) no ambiente acadêmico demonstra, o racismo velado e institucional abordados por Almeida (2018), sendo possível dialogar com Souza (1983) ao afirmar que um dos traços da violência racista é o de “[...] estabelecer, por



meio de preconceito de cor, uma relação persecutória entre o sujeito e seu corpo” (SOUZA, 1983, p.06).

A fim de compreender como se dá essa relação, foi perguntado por fim, como esses estudantes lidavam com o racismo relatado por eles e se recebiam algum apoio por parte de colegas ou professores do curso nessas ocasiões. Hugo (2020) comentou que acostumou a ignorar essas situações racistas nas quais ele é a vítima, mas que quando envolve outro colega a sua reação é dialogar com a pessoa, e que, normalmente o apoio que ele vê acontecer é o apoio às práticas racistas, visto que persiste o riso diante das piadas preconceituosas.

Yago (2020) também costuma reagir ignorando essas pessoas, e normalmente recebe o amparo dos colegas da sua sala em ocasiões racistas, porém, com aqueles que fizeram piada do seu cabelo, por exemplo, ele reagiu conversando e explicando que não era correto ou mesmo engraçado. Omar (2020) contou que alguns colegas de curso o apoiam nesses contextos, todavia, ele destaca a importância do seu apoio familiar, e principalmente, do auxílio que ele encontra pela busca de informação, em leituras, estudos, na apropriação da sua fala, além da própria música.

Considerações Finais

O racismo epistemológico, velado, recreativo, institucional e acadêmico foram encontrados nessa investigação, e todos eles perpassam pelo racismo estrutural. Já que, consciente ou inconscientemente, nesse curso de graduação em música, os indivíduos propagam o racismo, seja por um olhar de estranhamento, pelo distanciamento, pela exclusão, por piadas, por falas, e por outras atitudes, com intenções maldosas ou não, acabam por machucar e excluir pessoas negras, marcando penosamente as suas histórias de vida, e, nesse caso, as suas trajetórias acadêmicas.

Neste sentido, as reflexões desenvolvidas nesta pesquisa nos conduzem a algumas perguntas que podem ser alvo de futuros trabalhos acadêmicos: A instauração da política de ações afirmativas é um ato antirracista da Unimontes, mas quais são as lutas institucionais contra o racismo estrutural que são travadas para a permanência de alunos cotistas NEEP no curso Artes/Música da Unimontes? Onde estão as atitudes



individuais contra o racismo por parte de alunos e de educadores musicais no ambiente acadêmico?

Ressaltamos que os sujeitos, que reproduzem ideias racistas, são ou serão professores de música, seja na educação básica ou na educação superior, o que nos remete ao seguinte questionamento: Como é possível ensinar música no contexto da diversidade cultural brasileira sem respeitar os corpos e a cultura negra? Acreditamos que o racismo não pode mais parecer invisível ou negado na área de Música, e por mais estrutural que seja, podemos tomar medidas para amenizar essa violência racial. O primeiro passo é aceitar que as pessoas do campo acadêmico, tanto professores quanto estudantes possuem atitudes racistas, mesmo que de forma velada, e o segundo é propor a construção da mudança, a prática, é construir com estudantes de música e com as instituições de ensino de música um ambiente antirracista que acolha de forma efetiva a as pessoas negras e suas culturas.

Referências

ALMEIDA, Cristiane Maria Galdino de. **Por uma ecologia da formação de professores de música: Diversidade e formação na perspectiva de Licenciandos de universidades federais do Rio Grande do Sul**. 2009. Tese (Doutorado em Educação Musical) - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

_____. Diversidade e formação de professores de música. **Revista da ABEM**, v. 18, n. 24, 2014.

ALMEIDA, Silvio Luiz de . **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BATISTA, Leonardo Moraes. Educação Musical, Relações Étnico Raciais e Decoloneidade: tensões, perspectivas e interações para a Educação. **ORFEU**, v. 3, n. 2, p. 111-135, 2018.

CARVALHO, José Jorge de. **Inclusão étnica e racial no Brasil**: a questão das cotas no ensino superior. Attar Editorial, 2005. 2ª Ed: 2006.

HUGO. **Entrevista de Hugo em 10 ago. 2020**. Montes Claros. Gravação em vídeo. Google Meet.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Editora Cobogó, 2019.



LÜHNING, Angela; TUGNY, Rosângela Pereira de (Ed.). **Etnomusicologia no Brasil**. EDUFBA, 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Org. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Valter Roberto Silvério. **Educação e Ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e injustiça econômica**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003, p. 355.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

OMAR. **Entrevista de Omar em 11 ago. 2020**. Montes Claros. Gravação em vídeo. Google Meet.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa: perspectivas para o campo da etnomusicologia. **Claves: Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa**, n. 2, p. 87-98, 2006. Disponível em <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/claves/article/view/2719/2324>> Acesso em: 20 ago. 2020.

YOUTUBE.COM. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=m7sFt1BxOUu>> Acesso em 10 set. 2020. Série Racismo e Música - Racismo na Educação Musical com o Prof. Luan Sodré. Veiculado em: 10 jul. 2020. Dur: 22:28.

SEGATO, Rita Laura. **Cotas: por que reagimos?**. **Revista USP**, n. 68, p. 76-87, 2006.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPEX. **Resolução nº 104, de 28 de setembro de 2004**. Regulamenta o sistema de reserva de vagas em cursos de graduação e cursos técnicos de nível médio, estabelece critérios e condições para participação e dá outras providências. Montes Claros: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2004. Disponível em: <https://unimontes.br/wp-content/uploads/2019/05/resolucoes/cepex/2004/resolucao104cepex2004.pdf>. Acesso em 30 mar. 2020.

_____. Reitoria da Unimontes. **Portaria nº 039 de 11 de fevereiro de 2019**. Constitui Comissão de heteroidentificação complementar à autodeclaração dos candidatos inscritos na categoria: Negros, de baixa renda, egresso de Escola Pública - NEEP, e dá outras providências. Montes Claros: Reitoria da Unimontes, 2019. Disponível em: https://unimontes.br/wp-content/uploads/2019/04/Portaria_039-REITOR.pdf. Acesso em 30 mar. 2020.

_____. Secretaria Geral da Unimontes. **Editais do Processo Seletivo nº 01/2019 - SISU/UNIMONTES**. Montes Claros: Secretaria Geral da Unimontes, 2019. Disponível em:



<https://unimontes.br/wp-content/uploads/2019/05/edital-sisu-01-2019.pdf>. Acesso em 30 mar. 2020.

_____. Secretaria Geral da Unimontes. **Edital do Processo Seletivo n.º 01/2020-SISU/UNIMONTES**. Montes Claros: Secretaria Geral da Unimontes, 2020. Disponível em: <https://sisu.unimontes.br/images/EDITAL SISU 1-2029 - EDITAL RETIFICADO.pdf>. Acesso em 30 mar. 2020.

YAGO. Entrevista de Yago em 10 ago. 2020. Montes Claros. Gravação em vídeo. Google Meet.